

Citibank pretende converter na América Latina US\$ 3 bilhões

por Ângela Bittencourt
de São Paulo

O Citibank, maior credor privado do Brasil, reforçou ontem sua disposição de converter em capital de risco US\$ 3 bilhões de créditos próprios nos próximos cinco anos em toda a América Latina. No Brasil, onde tem créditos da ordem de US\$ 4 bilhões, o Citi pretende converter num primeiro momento 10% desse montante, garante Richard Huber, group executive do Citicorp, responsável pelas atividades da instituição na América Latina para as áreas de banco de investimento, incorporações e seguros.

Huber participou, ontem, do Fórum Internacional Business Week sobre "Investimentos no Brasil na Década de 90: uma nova abordagem para a dívida externa".

Ao falar sobre estratégia do Citi no Brasil, Huber assegurou que sem investimento não existe crescimento e que embora este raciocínio seja óbvio as pessoas às vezes se esquecem. Lamentavelmente, na opinião do executivo do Citicorp, o período de 1984 a 1987 entrará para a história econômica do País como sem investimento.

São duas as razões que explicam esta lacuna: a falta de condições para investir e falta de convite para a vinda do capital estrangeiro.

LIQUIDEZ

"O capital estrangeiro funciona inclusive como um catalisador de investimentos internos", explica Huber, "pois a situação das empresas brasileiras é de conhecida liquidez. As empresas estão em boa situação de caixa".

O Citi, segundo Huber, tem analisado e aprovado diversos projetos de conversão de dívida em investimento de risco no País e as normas básicas para tocar adiante os projetos — além da disposição interna do próprio País — já estão definidas.

"Não temos pretensão de sermos bons industriais ou madeireiros, pois já é difícil administrar o próprio banco, mas temos que achar um bom sócio em primeiro lugar. Por bom sócio queremos dizer alguém que seja idôneo, que tenha profissionalismo e conhecimento no seu ramo de atuação".

O segundo ponto a ser perseguido, de acordo com Huber, é a identificação de setores em que o País man-



Richard Huber

tenha competitividade em escala mundial. O executivo do Citi esclarece que se existirem duas formas de projeto para investimento, uma voltada para o setor doméstico exclusivamente e outra voltada ao setor externo, o Citi dará preferência à área voltada ao mercado internacional.

"Como norma queremos participar de empresas com posição minoritária e evitar áreas onde a reserva de mercado é uma peça fundamental para o bom desenvolvimento dos negócios", garante.

PROJETO BRASIL

Apesar da grande disposição do Citi em converter

créditos próprios no Brasil, Huber lamenta que o projeto de conversão de dívida em investimento de risco, aprovado pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) esteja tão ligado à negociação de mais longo prazo da dívida brasileira.

"O projeto de conversão é 95% ótimo. O problema são os 5% restantes", diz bem-humorado. "O País está precisando de investimentos e lamentavelmente este projeto de conversão como está colocado dificulta as operações graças ao atrelamento à negociação mais ampla com os credores".

Huber assegura que a instituição continua avaliando muitos projetos para o Brasil e revela que são boas as experiências no México e no Chile, onde existem programas funcionais de conversão.

Sobre a elaboração da nova Constituição em andamento no Brasil, Huber preferiu não se estender. Ele lembrou apenas: "o que o homem de negócios não gosta é a incerteza. O homem de negócios sabe conviver com momentos negativos, sabe contornar os problemas, mas não pode fazer o mesmo com a incerteza".